

CRISTOTRANS: ANÁLISE IDENTITÁRIA CRÍTICA NO DISCURSO DE RESISTÊNCIA LGBTT

Oswaldo Jefferson da Silvaⁱ (UEG)
Sóstenes Cezar de Limaⁱⁱ (UEG)

Resumo

Esta pesquisa apresenta uma análise identitária de um discurso da comunidade LGBTT, formado por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, tendo como objeto de estudo a imagem de uma transgênera, simulando a Crucificação de Cristo. Trata-se de uma manifestação político-social, realizada por um grupo de minoria, constituída como discurso de resistência, por gerar enfrentamento com a população heteronormativa cristã, considerada maioria e hegemônica. Para este estudo, de análise documental com tratamento bibliográfico contemplar-se-á a teoria da Análise do Discurso Crítica (ADC), com o objetivo de investigar três categorias analíticas: intertextualidade, ator social e identificação relacional, utilizando arcabouço teórico composto por Fairclough (2003), Resende e Ramalho (2006, 2008), Santaella e Nöth (2013), Mainguenu (2008), Moita Lopes (2003), Louro (2004), dentre outros. A primeira, intertextualidade consiste na materialização de uma cena trata-se de uma releitura da Crucificação de Cristo presente na memória discursiva religiosa dos leitores e produtor(es) deste discurso identificada por meio de semioses linguística e imagética. A segunda, ator social tem-se a representação identitária de uma transexual, militante do grupo LGBTT. Enquanto a terceira categoria, denominada identidade relacional, elenca dois públicos distintos, evocados na imagem da crucificação: numa vertente, a relação de identificação é construída a partir do olhar em que uma transexual é vista como vítima de violência e exclusão social que milita por seus direitos civis; por outro viés, a identificação relacional dá-se na retomada do discurso religioso em que o Deus cristão encarnado é apresentado de forma tendenciosa, profanando símbolos da religiosidade cristã. Neste estudo, a imagem de Viviany Belebony, a transexual que representou a figura sagrada de Jesus Cristo na cena da crucificação, na 19ª Edição da Parada do Orgulho Gay de 2015, em plena Avenida Paulista, na capital de São Paulo, foi escolhida como objeto de análise, ancorada na vertente crítica dos estudos discursivos.

Palavras-chave: Discurso de resistência. Análise Crítica do Discurso. Intertextualidade. Ator social. Identificação relacional.

Introdução

Esta pesquisa apresenta uma análise crítica do discurso de resistência de um grupo de minoria, denominado LGBTT, formado por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, partindo do

estudo da representação identitária de uma transexual, que se configura como um sujeito social transgênero representante de uma das categorizações deste grupo. Para realizar este estudo, a base teórica escolhida foi a Análise do Discurso Crítica (ADC), contemplando três categorias analíticas: intertextualidade, ator social e identificação relacional, fazendo uso dos seguintes referenciais: Fairclough (2003), Resende e Ramalho (2006, 2008) e Brandão (2012) na vertente da análise crítica do discurso; Joly (2007) com as contribuições sobre análise de imagem; Mainguenu (2008) na abordagem sobre os discursos constituintes e não-constituintes; Moita Lopes (2003) selecionado para arrolarmos a discussão sobre discursos de identidade; além de Zambrano (2011) e Louro (2004) contemplada nas questões relacionadas à sexualidade humana.

O objeto de análise desta pesquisa trata-se da imagem de uma transexual representando a figura sagrada de Jesus Cristo na cena da crucificação, sendo que a fotografia foi tira na 19ª Edição da Parada do Orgulho Gay de 2015, em plena Avenida Paulista, na capital de São Paulo. A figura central trata-se de Viviany Beleboni, 26 anos, transexual, ativista da causa LGBTT, atriz e modelo que, de forma cênica, foi presa numa cruz e fez uma performance na Parada do Orgulho Gay, em cima de um trio elétrico, representando um grupo de minoria. Vejamos a imagem:

Figura 1: Transexual representa crucificação na Parada Gay



Fonte: Retirada do site g1.globo.com (Foto de Reuter/João Castellano)

1 Contextualização da fotografia: o discurso de resistência LGBTT

A Parada do Orgulho Gay trata-se de um evento discursivo de cunho popular, utilizado como manifestação política da comunidade LGBTT, a fim de promover visibilidade a este grupo de minoria na luta por seus direitos civis, além de ser um espaço social de publicidade para as identidades sexuais negadas pelos discursos hegemônicos da religião e da moralidade tradicional. Nesse sentido, a fotografia analisada instaura-se como discurso de resistência enunciado, pois se refere à representação desse grupo de minoria que, por meio de suas lutas de classe, promove mudança social dentro e fora do ambiente religioso, pois nos últimos anos a comunidade LGBTT tem alcançados direitos civis em diferentes áreas, dentre as concessões estão o casamento civil de

mesmo sexo, a adoção de crianças por casais homoafetivos, o uso do nome social em documentos, o direito ao uso do plano de saúde por casais do mesmo sexo.

A imagem que constitui o objeto de estudo desta pesquisa foi veiculada na mídia desde o dia que foi registrado na Parada do Orgulho Gay, na 19ª edição, realizada no dia 7 de junho de 2015, em plena Avenida Paulista, em São Paulo, circulando nas redes sociais como o Facebook, nas páginas de notícias e revistas de fofocas o que gerou inúmeros outros discursos e manifestações públicas evocados por anônimos e famosos. É importante ressaltar que esta imagem trata-se de uma construção semiótica que pode ser utilizada como desconstrução do sagrado instaurado pelo discurso constituinte religioso.

2 Discurso constituinte *versus* discurso não-constituinte

Nesta manifestação pública há o engajamento social que se vincula na imagem a representação grupos de minoria não-constituinte formada por pessoas de diferentes identidades de gênero que estão em discordância com os padrões: social (heteronormativo) e religioso cristão (católico e protestante) hegemônicos no Brasil, portanto constituinte. Nesse sentido tendo por base que o discurso religioso é considerado constituinte vale ressaltar que a pretensão desse tipo de discurso

é de não reconhecer outra autoridade além da sua própria, de não admitir quaisquer outros discursos acima deles. Isso não significa que as diversas outras zonas de produção verbal [...] não exerçam ação sobre eles; bem ao contrário, existe uma interação constante entre os discursos constituintes e não-constituintes. Mas faz parte da natureza dos discursos constituintes negar essa interação ou pretender submetê-la a seus princípios. Eles operam a mesma função na produção simbólica de uma sociedade. (MAINGUENAU, 2008, p. 37)

Discursos constituintes e não-constituintes são necessários para que haja a construção, desconstrução e a reconstrução de conceitos, princípios e identidades sociais, pois os sujeitos ora embasam em um ora embasam-se em outro. Como discurso constituinte, neste estudo, temos o religioso e conservador que impõe contra o de resistência LGBTTT, pois pelos indivíduos que pertencem às esferas de comunicação humana de cunho religioso, em especial, cristãos evangélicos que frequentam ou fazem parte do rol de membros de igrejas cristãs protestantes com concepção religiosa fundamentalista. Em virtude desse fato, a religião tem papel importante na sociedade e pode determinar comportamentos, ditar regras, instaurar normas de conduta morais que muitas vezes sobrepõem aos direitos civis de qualquer cidadão.

Quando a religiosidade adota um caráter conservador e rígido vinculado a aspectos ortodoxos essas religiões são categorizadas como fundamentalistas, com isso, instaura-se o Fundamentalismo religioso, que “opera como uma espécie de retorno do reprimido, uma repetição do recalcado pela cultura porque esta, não tendo sabido lidar com ele, não fez mais do que preparar sua repetição.” (CHAUÍ, 2006, p.128). O fato é que seja religioso, político ou filosófico os discursos constituintes coexistem aos contra-constituintes e possuem uma relação de interdependência na sociedade.

O discurso de resistência trata-se de um contra-discurso não-hegemônico e, portanto, não-constituinte. Neste caso, a partir do momento que uma minoria como a comunidade LGBTTT, antes silenciada, dá visibilidade a sua identidade social de forma pública o discurso religioso que é constituinte, dominante e hegemônico busca impor sua autoridade, nesse sentido, a

visibilidade tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores passam a demonstrar crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (LOURO, 2004, p. 28)

O embate entre discursos hegemônicos de maioria como o religioso e contradiscursos de resistência como os de minoria LGBTT promove binarismo pelo esquema de contraposição de posicionamentos identitários, mas o primeiro está consolidado e instaurado socialmente, por isso exerce poder dominante, enquanto o grupo de minoria, mesmo que tenha visibilidade enfrenta a cada dia novos e novos discursos hegemônicos com o objetivo de silenciar a voz de resistência, pois para a sociedade a identidade de referência é a heteronormativa e, mesmo que alguns setores aceitem por interesse próprio, é significativa a maioria que rejeita um padrão diferente do hegemônico.

3 Representação identitária social

Viviane é categorizada como transexual, sendo definido como sujeito social representante do grupo LGBTT. O prefixo “trans”, significa ir de um polo ao outro, transitando entre eles, assim, no âmbito das questões de gênero, a pessoa transita entre os gêneros: masculino e feminino, daí surgem o termo *transgênero* que incluem nesse grupo as travestis e as pessoas transexuais masculinas ou femininas.

O sujeito transexual descreve a si mesmo como pertencente a um gênero discordante do sexo biológico com o qual nasceu. Tem a experiência subjetiva de si como a do sexo oposto a seu sexo biológico e quer viver socialmente de acordo com tal convicção. Utiliza sua própria subjetividade para construir e dar sentido a uma “identidade”, ainda que em desacordo com a expectativa cultura combinatória do sexo/gênero. (ZAMBRANO, 2011, p. 98)

A pessoa transexual é caracterizada por sua disforia de gênero, ou seja, uma oposição entre a forma como se vê e a estrutura de seu sexo genital. Essa categoria da sexualidade, mesmo sendo comum, normalmente a imagem de uma pessoa transexual está vinculada a um grupo de minoria e de forma preconceituosa, a aspectos como promiscuidade, prostituição, adultério o que subjazem preconceitos latentes da sociedade. Ao representar Cristo a transgênera desconstrói a imagem sacra da crucificação e faz uma releitura da cena da Crucificação de Jesus Cristo que pode ser considerada profana, por ser uma transex, seminua, com uma coroa de espinhos, pregada numa cruz sobre um trio elétrico no meio da Avenida Paulista na capital de São Paulo.

4 Elementos da Análise do Discurso Crítica

Esta pesquisa pauta-se na perspectiva da Análise do Discurso Crítica (ADC), mediante três categorias analíticas: intertextualidade, ator social e identificação relacional, sendo que a fotografia analisada instaura-se como discurso de resistência enunciado, pois se refere à representação desse grupo de minoria que, por meio de suas lutas de classe, promove mudança social dentro e fora do ambiente religioso, pois nos últimos anos a comunidade LGBTT tem alcançados direitos civis em diferentes áreas, dentre as concessões estão o casamento civil de mesmo sexo, a adoção de crianças por casais homoafetivos, o uso do nome social em documentos, o direito ao uso do plano de saúde por casais do mesmo sexo.

A imagem que constitui o objeto de estudo desta pesquisa foi veiculada na mídia desde o dia que foi registrado na Parada do Orgulho Gay, na 19ª edição, realizada no dia 7 de junho de 2015, em plena Avenida Paulista, em São Paulo, circulando nas redes sociais como o Facebook, nas páginas de notícias e revistas de fofocas o que gerou inúmeros outros discursos e manifestações públicas evocadas por anônimos e famosos.

1.1 Intertextualidade

A cena da transexual Viviany Beleboni, 26 anos, resulta de um processo de ativação de memória discursiva, em virtude do sujeito social deste evento discursivo ser representando Jesus

Cristo na cruz, pois evoca o pensamento convencionalizado cristão da imagem sagrada do Filho de Deus em holocausto. Esta memória discursiva necessita precisa ser, necessariamente, comum tanto para o produtor do discurso como para o leitor, ou melhor, precisa ser coletiva, já

que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. É ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscurso de uma FD, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas. Não se trata de uma memória psicológica, mas de uma memória que supõe o enunciado escrito na história. (BRANDÃO, 2012, p. 95-96)

Intertextualidade é a materialização da memória discursiva, nesta imagem, a representação Jesus Cristo na cruz por uma transexual, evoca elementos do discurso religioso cristão que aponta para a imagem da crucificação de Jesus, figura sagrada do Filho de Deus em holocausto, mas se faz necessário que o produtor e leitor contextualizem ou reconheçam a cena para que a intertextualidade seja promovida por meio desta memória.

O termo 'intertextualidade' foi cunhado por Kristeva no final dos anos 1960 no contexto de suas influentes apresentações para audiências ocidentais do trabalho de Bakhtin. Embora o termo não seja de Bakhtin, o desenvolvimento de uma abordagem intertextual (ou em seus próprios termos 'translinguística') para a análise de textos era o tema maior de seu trabalho ao longo de sua carreira acadêmica e estava estreitamente ligado a outras questões importantes incluindo sua teoria do gênero. (FAIRCLOUGH, 2003, p.133)

Nessa vertente, para Bakhtin os enunciados (discursos) são moldados por discursos anteriores que estão sendo respondidos e criando prospectos de discursos subsequentes, com isso, esses discursos são inerentemente intertextuais, constituídos por elementos de outros. Para Fairclough (2003) a relevância deste conceito de intertextualidade está de acordo com o foco sobre o discurso na mudança social, enquanto Kristeva aponta que a intertextualidade implica a elaboração de um discurso e a inserção deste na história (sociedade).

Retomando a imagem em análise identifica-se a intertextualidade que permite, dentro da ADC, associar uma imagem ou fragmento de texto a um discurso anterior, por meio da memória discursiva. Além disso, compreende-se que a intertextualidade, por ser utilizada como elemento de análise textual, subjaz a retomada dos textos anteriores que nos remete ao momento da crucificação de Cristo que faz referência a cena representada na Parada Gay de 2015. O processo de associação da imagem atualizada (fotografia) e do discurso anterior (Crucificação de Cristo contida na Bíblia) foi evocado, em primeira instância, por meio da semiose linguística, a partir da inscrição registrada sobre a cruz da imagem que traz no título o enunciado “Basta Homofobia GLBT”, pois a sigla citada refere-se as comunidades: Gay, Lésbica, Bissexual, Travesti e Transexual, semelhante também a inscrição traduzido do texto bíblico como Jesus, Rei dos Judeus.

A intertextualidade consistiu na materialização da cena presente na memória discursiva religiosa, evocada tanto por leitores como pelo(s) próprio(s) produtor(es) do discurso e identificada por meio de semioses linguística e imagética, apresentadas numa construção semiótica que pode ser utilizada como desconstrução do sagrado, na cena da Crucificação, por ser a imagem um elemento de multimodalidade textual.

Nessa perspectiva, a teoria geral dos signos de Pierce¹ (1978) contribui para os estudos de uma imagem, pois para este autor um signo apresenta uma materialidade e pode ser analisado com um ou vários sentidos, desde uma cor a um ruído. Nesse sentido, as religiões judaico-cristãs trazem uma noção de imagem de Cristo vinculada não apenas as

representações religiosas em massa em toda a história da arte ocidental, porém, mais profundamente, porque a noção de imagem, assim como sua condição, representa um

¹ Charles Sanders Peirce. *Écrits sur le signe*. Paris: Seuil, 1978

problema-chave da questão religiosa. A proibição bíblica de se fabricar imagens e prosternar-se diante delas (3º mandamento) designava a imagem como estátua e como deus. Uma religião monoteísta tinha como dever, portanto, combater as imagens, isto é, outros deuses (JOLY, 2007, p.17)

Nesse sentido, a imagem da transexual Viviane Beleboni nos remetendo a cena da crucificação contradiz a visão judaico-cristã, além de romper com a tradição fundamentalista partindo do referencial masculino de Jesus, pois temos uma figura feminina, transgênera que num discurso de resistência da comunidade lgbtteana, representa Cristo por uma única identidade de gênero, considerada minoria dentre as minorias– uma transexual.

Esta figura feminina representacional por uma ‘transex’ estabelece uma identidade relacional negativa, porque a imagem atual de Viviane resulta de um processo de transição de gênero, ou seja, um homem que após intervenções anatômicas e estéticas, passa a ter a imagem feminina, desconstruindo a visão de Cristo masculinizada, comum do pensamento cristão católico e evangélico, grupos religiosos que exercem poder hegemônico na sociedade brasileira. A diferença é que o católico vê na imagem da cruz ainda com a de um homem preso, ou seja, Cristo crucificado; enquanto o protestante vê a cruz vazia, numa perspectiva de Cristo ressuscitado.

Neste caso, a memória discursiva retoma trechos dos quatro Evangelhos encontrados na Bíblia, sendo: Mateus 27.32-56, Marcos 15.21-41, Lucas 23.26-49 e João 19.17-37 que trazem o relato da Crucificação de Cristo. Nota-se que apenas no livro de Lucas não aparece a descrição da coroa de espinhos sobre a cabeça de Jesus, mas todos os demais elementos referendados nas narrativas vinculam-se a imagem da Parada Gay de 2015, mas associar os trechos do texto bíblico Bíblia com a cena da manifestação da comunidade LGBTTT é possível por meio da intertextualidade, mas promove uma comparação de evento discursivo de militância de grupos de minoria com evento religioso do universo cristão. Diante do exposto, far-se-á uma breve análise comparativa da intertextualidade advinda dos trechos bíblicos. Vejamos:

Elementos de intertextualidade	Registro nas Escrituras Sagradas			
	Mateus	Marcos	Lucas	João
Coroa de espinhos	“E, tecendo uma coroa de espinhos , puseram-lhe na cabeça.” (Mt 27.29)	“E vestiram-no de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos , lhe puseram <i>na cabeça</i> .” (Mc 15.17)	-	“E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos , <i>lha</i> puseram sobre a cabeça e lhe vestiram uma veste púrpura.” (Jo 19.2)
Indivíduo crucificado	“Disse-lhes Pilatos: Que farei, então, de Jesus, chamado de Cristo ? Disseram-lhe todos: Seja crucificado.” (Mt 27.22)	“E Pilatos, respondendo, lhes disse outra vez: Que quereis, pois, que faça <i>daquele</i> a quem chamais Rei dos judeus ? E eles tornaram a clamar: Crucifique-o.”	“Falou, pois, outra vez Pilatos, querendo soltar a Jesus . Mas eles clamavam em contrário, dizendo: Crucifica-o! Crucifica-o!” (Lc 23.21-23)	“Saiu, pois, Jesus , [...] os principais dos sacerdotes e os servos gritaram, dizendo: Crucifica-o! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós e crucifica-

		(Mc 15.12-13)		o.” (Jo 19.6)
Local da Crucificação	“E, chegando ao lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira. ” (Mt 27.33)	“E levaram-no ao lugar do Gólgota, que se traduz por lugar da Caveira. ” (Mc 15.22)	“E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira , ali o crucificaram.” (Lc 23.33)	“E, levando ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, que em hebraico se chama Gólgota. ” (Jo 19.17)
Inscrição na parte superior da cruz	“E, por cima da sua cabeça, puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.” (Mt 27.37)	“E, por cima <i>dele</i> , estava escrita a sua acusação: O REI DOS JUDEUS.” (Mc 15.26)	“E também, por cima dele, estava um título, escrito em letras gregas, romanas e hebraicas: ESTE É O REI DOS JUDEUS.” (Lc 23.38)	“E Pilatos escreveu também um título e pô-lo em cima da cruz; e <i>nele</i> estava escrito: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS.” (Jo 19.19)
Instrumento de crucificação	“E, quando saíam, encontraram um homem cirineu, chamado Simão, a quem constrangeram a levar a sua cruz. ” (cruz para Jesus ser crucificado) (Mt 27.32)	“E constrangeram um certo Simão Cirineu, pai de Alexandre e de Rufo, que por ali passava, vindo do campo, a que levasse a cruz. ” (Mc 15.21)	“E, quando o iam levando, tomaram um certo Simão, cirineu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas,, para que a levasse apos Jesus.” (Lc 23.26)	“E, levando ele às costas a sua cruz , saiu para o lugar chamado Calvário, que em hebraico se chama Gólgota.” (Jo 19.17)

1.2 Ator social

A abordagem do sujeito em ADC é interpelada pela ideologia e tem certo conhecimento do ator social, nessa perspectiva, a transex Viviane vem de um universo de prospecção que está associado a pessoas transgêneras, em geral, travestis e transexuais. Isso inclui boates, motéis, ruas de prostituição e casas de show, por serem espaços discursivos que se vinculam a transexualidade, ou seja, universos de pornografia, exibicionismo e segregação social.

Nesta segunda categoria, tem-se a representação identitária de uma pessoa transegênera que atua como militante de um grupo de minoria, formado por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis (LGBTT), assim os *atores sociais* são diferentes, no primeiro caso – a cena da crucificação de Cristo, no recurso evocado tem-se um homem popular, conhecido por seus milagres e que defende a fé em Deus; enquanto, a segunda, cena o discurso atualizado tem-se uma transexual anônima que milita para as causas LGBTT. Entretanto, por estarem descritos em semelhantes nas *cenas discursivas* – uma crucificação – são associados não por quem são, mas pela posição física

que se encontram, mesmo que Cristo esteja efetivamente sendo morto e Viviane apenas representando de forma simbólica, além de outros critérios.

A imagem de uma transexual representando Cristo promove desconforto, por ser incomum associar a transexualidade a elementos sagrados e/ou religiosos, mas poucos compreendem que ser transgênera também é uma vertente da sexualidade humana. Nesse sentido, a sexualidade que envolve tanto Jesus Cristo, heterossexual, com o padrão heteronormativo quanto uma pessoa transexual, no caso da Viviane, mas a representação de cada um destes atores sociais é distinta e promove certas manifestações e identificações relacionais.

1.3 Identificação relacional

A identidade relacional é outro aspecto estudado na ADC, compreende-se que está associado ao aspecto discursivo de identidades à identificação de atores sociais em discursos, segundo Ramalho e Resende (2011) “no significado identificacional, analisamos a construção de identidades e a identificação de atores sociais, isto é, a construção de modos particulares de identificação de atores sociais representados no texto.” (p.130). Ressalta ainda que os aspectos de gênero interferem na análise, em virtude da substituição dos atores sociais e, conseqüentemente, da identidade relacional. Para as autoras

a construção de identidades e de identificações relaciona-se ao significado identificacional, mas também está ligada aos processos de classificação, de elaboração de semelhanças e diferenças (significado representacional), e aos processos de construção, manutenção e subversão de papéis sociais e relações sociais (significado acional/relacional). (RESENDE & RAMALHO, p.131)

Parafraseando Moita Lopes (2002) as identidades sociais são compostas, portanto, no campo de sua multiplicidade, do dinamismo, da fragmentação e da contradição, sendo ancoradas a partir de seus estudos contextualizados. Nesse sentido, o aparecimento de uma pessoa transexual em qualquer espaço de discursivo, normalmente, faz com que esse ator social seja vinculado a uma realidade de prostituição e promiscuidade, pautada no senso comum que estabelece uma construção identitária negativa e inferior hierárquico-socialmente e a transexualidade é concebida com elemento de exclusão social de um sujeito por pertencer a um grupo de minoria.

Nesta terceira categoria, denominada identidade relacional, numa análise comparativa dos elementos de composição dos discursos, apreendem-se duas formas de identificação: numa vertente, a relação de identificação é construída a partir do olhar em que uma transexual é vista como vítima de violência e exclusão social que milita por seus direitos civis, assim se concebe um discurso de resistência da comunidade LGBTT com a motivação discursiva de promover uma denúncia social.

Por outro viés, a identificação relacional dá-se na retomada do discurso religioso em que o Deus cristão encarnado, conforme a perspectiva cristã trata-se de um homem santo, que foi condenado a morte para a remissão dos pecados dos homens. Esta figura masculina tem o padrão heteronormativo. Em síntese, temos a seguinte análise comparativa dos discursos:

Elementos de composição discursiva	Discurso anterior	Discurso atualizado
Discurso	Texto bíblico (Registro impresso)	Imagem da Transexual (Fotografia)
Categorização do Discurso	Religioso	Resistência
Comunidade discursiva	Cristã	LGBTT
Identidade relacional evocada	Jesus Cristo	Viviane Beleboni (Transexual vítima de violência e exclusão)

na imagem	(Deus cristão encarnado)	social)
Identidade de gênero	Heterossexual	Transexual
Representação de gênero	Figura masculina	Figura feminina
Motivação discursiva	Condenação de Cristo	Denúncia social
Representação	Todos os cristãos	Comunidade LGBTT

Conclusão

O fato da representação de Cristo ser feita por uma transgênera evocou discursos favoráveis e desfavoráveis de leitores e infonautas, por desconstruído o status de sacralidade da crucificação e ser exposto num espaço discursivo fora do ambiente religioso, além disso, há transposição da cena do espaço sagrado (igreja) para profano (rua) num evento LGBTT, dessa forma, a situação criou uma subversão de um grupo de minoria que atingiu a hegemonia dominante estabelecida pelo padrão heteronormativo.

Na comparação da imagem atualizada com os discursos evocados dos trechos bíblicos percebemos que a intertextualidade não ocorre apenas por um elemento, temos o *evento discursivo* que em ambas as cenas são de cunho popular, pois tanto a Crucificação de Cristo como a representação na Parada do Orgulho Gay são acontecimentos públicos e marcantes, no entanto, a crucificação ocorreu apenas uma vez, enquanto a Parada é realizada anualmente.

A semelhança dos *espaços discursivos*, bem como a presença de espectadores dar-se-á por se tratarem de espaços públicos de exposição Jesus em Gólgota e a transexual na Avenida Paulista, ambos os acontecimentos ocorrem durante o dia. Quanto ao *título da inscrição* a associação é instaurada pela posição sobre a cabeça de Cristo e de Viviane, porém a sentença tem termo e significância completamente diferentes: o primeiro refere-se ao campo discursivo religioso cristão e o segundo ao campo de militância LGBTT.

Aqui, identifica-se nos dois discursos: o anterior (Cristo crucificado) e o atualizado (Viviane crucificada) os seguintes elementos intertextuais: a estrutura, a prática e o evento social, além dos atores sociais, a cena discursiva, o espaço discursivo e a forma de registro de inscrições, mostrada anteriormente, promovem a intertextualidade da imagem da Parada com a Crucificação de Cristo. Em síntese, numa abordagem comparativa podemos apontar esses itens do discurso, como se pode constatar no quadro abaixo:

Elementos do discurso	Elementos intertextuais	
	Discurso anterior	Discurso atualizado
Estrutura social	Jurídico-religiosa	Político (exigência de garantia de direitos civis)-religiosa
Prática social	Execução de criminosos	Manifestação social
Evento social (cunho popular)	Crucificação de Jesus Cristo	Parada do Orgulho Gay
Ator social (expostos e condenados na cruz)	Jesus Cristo (Reconhecido)	Viviane Beleboni (Anônima)
Cena discursiva (detalhamento)	Jesus usando coroa de espinhos que feriram seu rosto e foi	Viviane com coroa de espinhos, amarrada na cruz e utilizando

	efetivamente pregado na cruz	recursos de maquiagem simboliza sofrimento e humilhação
Espaço discursivo (público com espectadores)	Gólgota, que significa Lugar da Caveira.	Avenida Paulista em São Paulo
Título da inscrição (registro na parte superior da cruz)	Jesus, O Rei dos Judeus	Basta homofobia GLBT

Viviane Beleboni ao representar Cristo, em virtude de sua identidade de gênero – transexual – causou estranheza, pois se tem uma pessoa que nasceu ‘homem’, porém por sua identificação com o sexo feminino buscou formas de adequar seu corpo a percepção de si mesma. Isso promove a desconstrução identitária ou incompatível com a figura masculinizada de Jesus Cristo, visto que se tratava de uma criança com a representação do sagrado, nascido de uma virgem, que veio para ser o Salvador, menino, jovem e adulto, que nasceu, viveu e morreu com a mesma caracterização masculina, além de ser santo e subverter o pecado por meio do seu sacrifício.

Nesse sentido, para o fundamentalismo religioso a manifestação da Parada apresenta, de forma tendenciosa, a profanação dos símbolos da religiosidade cristã. Entretanto, pode-se constatar que se trata de uma manifestação político-social, realizada por um grupo de minoria, constituída como discurso de resistência da comunidade LGBTT, que buscou exigir seus direitos civis, porém ao gerar o enfrentamento com a população heteronormativa cristã considerada maioria e hegemônica rompeu com uma subversão instaurada na sociedade.

Referências

Bíblia de Estudo Palavras-Chaves: Hebraico e Grego. 4. ed. trad. Almeida, rev. e cor. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. Sociedade Bíblica do Brasil.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. rev. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães, coordenadora da trad., rev. técnica e prefácio. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília. 2003.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas-SP: Papirus, 2007. Coleção Ofício de Arte e Forma.

LOURO, Guaciara Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAINGUENAU, Dominique. **Os discursos Constituintes**. In: Cenas da Enunciação. (Org.) Sírío Possenti, Maria Cecília Pére de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 37-54.

Parada Gay 2015 em São Paulo - Fotos. **Manifestação contra a homofobia**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/fotos/2015/06/fotos-parada-do-orgulho-lgbt-em-sao-paulo-pede-respeito-diversidade.html#F1659529>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica:** o texto como material de pesquisa. Campinas-SP: Pontes Editores, 2011. Coleção Linguagem e Sociedade. Vol. 1.

ZAMBRONO, Elizabeth. **Transexuais:** identidade e cidadania. In: Diversidade sexual e homofobia no Brasil. (Orgs.) Gustavo Venturine e Vilma Bokany. Instituto Rosa Luxemburgo Stiftung. São Paulo: Editora Fundação, Perseu Ambramo, 2011.

i Mestrando Osvaldo JEFFERSON SILVA

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (Mielt)

E-mail: odlavsojeff@hotmail.com.

ii Prof. Dr. Sóstenes Cezar de LIMA (Orientador)

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (Mielt)

E-mail: limasostenes@gmail.com

